

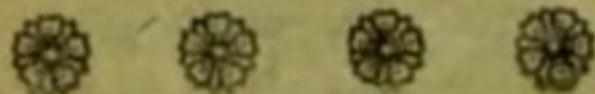
EDITOR-PROPRIETARIO

João Martins de Athayde

Historia de  
DIMAS o Bom Ladrão

---

---



*João B*

EDITOR-PROPRIETARIO

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

# Historia de Dimas, o Bom Ladrão

TRATO da biografia de Dimas o bom Ladrão, de se fazer assassino qual foi sua precisão como morreu e salvou-se, teve de Deus o perdão.

Era filho dum ourives que havia em Jerusalem; moço versado nas letras e bom ourives, tambem graças a seu pai honrado, que lhe desejava o bem.

Era obediente aos pais aos velhos respeitava, acariciava as crianças aos mortos enterrava naquela alma de Deus caridade não faltava.

Porem quando ele contava dezoito anos de idade, morreu seu pai de repente foi uma fatalidade Dimas pranteou-lhe a morte, chorou que fez piedade.

Chorando exclamava ele :  
---não há mais prazer comigo,  
foi procurar um pedreiro  
que lhe fizesse um jazigo  
para sepultar seu pai,  
seu idolatrado amigo.

Cento e cinquenta obulos  
foi mais ou menos a quantia,  
que o pedreiro pediu ;  
e por menos não fazia  
Dimas não fez duvida alguma,  
até por mais lhe servia.

Justou a obra e voltou  
chorando se lastimava,  
sua tristeza era tanta  
que ninguém o consolava,  
tristeza não era esta,  
outra maior lhe esperava...

Junto ao leito mortuario  
onde o morto jazia,  
estavam cinco pessoas  
confiscando o que havia  
naquela pobrissima casa,  
que o ourives possuia.

Vireram tres fariseus  
um centurião e um melzim,  
Dimas com a tal surpresa  
entrou perguntando assim :  
---que fazem na minha casa,  
estão atacando a mim ?

--Te engenas--disse o mais velho--  
repare o que estees dizendo,  
eu estou embargando os bens  
é só o que estou fazendo  
de conformidade a lei,  
teu pai morreu me devendo.

--Meu pai jamais te responde  
como sabes já morreu,  
desta divida que reclamas  
ele nunca disse a eu  
juro por Deus de Abrahão,  
como tal não sucedeu,

--Nunca mente um fariseu  
de barbas branca e honrado,  
que ante o santissimo altar  
sempre leal tem se prostrado  
estão ai as testimunha  
do documento passado.

Desde já te asseguro--  
acrescenta o credor,--  
que tudo quanto possues  
ainda não tem valor  
que pague a terceira parte,  
do que me és devedor.

Dimas desorientou-se  
ficou todo atordado,  
com a surpresa sentiu  
seu coração traspasado  
para comover o velho,  
não tinha um plano acertado.

As testemunhas firmaram tudo que o velho ditava, o Malsim continuou saqueando que encontrava sem se importar com as lagrimas, que o pobre moço chorava.

---Pois bem---disse Dimas-- levem o meu herario e meu leito, levem tudo não oponho sou moço, forte e perfeito. se fizerem um favor, ficarei bem satisfeito.

Me emprestem duzentos obulos para o enterro é bastante, disse o velho: Deus me livre vae procurar mais adiante tú não tem com que me pague, quantia tão importante.

Disse Dimas: se fizeres este especial favor, trabalharei toda vida p'ra ti se preciso for respondeu o velho: não posso tú não és merecedor.

---Vendam a mim como escravo o que quer mais que faça? disse o velho: um fariseu não vende um de sua raça vai chorar tuas miserias, que o pobre com nada passa.

—Vacila bem no que diz  
disse Dimas impaciente,  
o velho cismado disse:

—queres brigar certamente?  
respondeu Dimas; não  
estou lhe avisando somente.

—Eu desprezo teus avisos  
disse o velho interesseiro,  
disse Dimas: se eu exijo  
este pequeno dinheiro  
é para enterrar meu pai  
já estou devendo ao padeiro.

—Os pobres vão para a vala  
não precisam sepultura,  
—infame!— gritou Dimas  
e pegou-o na abertura—  
tú hoje também te enterra,  
avarento sem ventura.

Nisso o velho gritou:  
--me acudam antes que morra,  
as testemunhas acudiram  
e disseram a Dimas: não corra  
prenderam o pobre moço,  
botaram em uma masmorra.

Ficou Dimas na prisão  
de todos desamparado.  
ele não se lastimava  
por se vê encarcerado  
só lastimava seu pai,  
não ter sido sepultado.

Chorava qual creancinha  
na tal prisão asquerosa,  
jamais passava as caricias  
de sua mãe estremosa,  
nadava em um mar de luto,  
quem teve a vida de rosa.

Porem tudo tem seu fim  
é uma realidade  
Dimas acalmou seu pranto  
com toda serenidade  
sonhava ansiosamente,  
com a sua liberdade.

Tres mezes esteve encerrado  
naquela prisão tristonha,  
no fim dos quaes lhe cederam  
a liberdade risonha  
alegria que ele teve  
qualquer pessoa suponha.

Solto seguiu para casa  
sem ainda ter sabido,  
que o corpo de seu pai  
passou seis dias detido  
depois exposto na vala,  
igual a um desvalido.

Dimas ouviu tudo isso  
sem apresentar mudança,  
mas no coração crescia-lhe  
a mais horrenda vingança  
do bem estar desta vida,  
perdeu toda a esperança.

Na tarde do mesmo dia  
vagou em Jerusalém,  
pelas ruas sem destino  
sem dizer nada a ninguém  
as quatro da madrugada,  
já estava muito alem.

Estava na cidade baixa  
que era muito habitada,  
Dimas cansado sem força  
sem poder dar uma passada  
encostou-se em uma porta,  
a qual estava fechada.

De onde ele estava, viu  
conheceu pelos sinais,  
uma loja de ferragem  
com muitas facas e punhaes  
ele prestou atenção,  
ficou contente demais.

Depois que viu bem as facas  
e reparou-as bastante,  
agradou-se d'um punhal  
era um ferro interessante  
então perguntou o preço  
daquela obra importante.

---Custa tres circulos de prata---  
lhe respondeu o armeiro,  
pegou no ferro dizendo  
é de aço verdadeiro  
lhe disse Dimas: não compro  
porque não tenho dinheiro.

Disse o armeiro; liado  
eu se vender tú me enganas,  
disse Dimas; se confias  
por duas ou três semanas  
antes da lua ser nova,  
dou vinte onças romanas.

Era vinte vezes mais  
do que o punhal valia,  
porem com tudo o armeiro  
lhe disse que não cedia  
--sabe que não te conheço  
só dando uma garantia.

--Dou a lembrança que tenho  
do meu pai já falecido,  
de quem pretendo vingar  
um agravo cometido  
por ele eu juro que pago,  
no tempo já referido.

--Se és homem de palavra  
confio em tua lembrança,  
foi lhe entregando o punhal  
com certa desconfiança,  
porem Dimas lhe falava,  
com toda perseverança.

--Quero te dizer meu nome  
para ficares lembrado,  
meu nome é Dimas, algum dia  
o verás bem memorado  
por todas as doze tribus,  
será immortalizado.

Dizendo isto, seguiu  
 pelas ruas da cidade,  
 passou em uma certa rua  
 ali por felicidade  
 achou umas frutas comeu-as  
 que saciou a vontade.

Nisso empunhou o ferro  
 e um grande golpe vibrou,  
 no tronco de uma arvore  
 com facilidade entrou  
 murmurou; que boa tempera,  
 nem a ponta se entortou.

É capaz de traspassar  
 aquele rico avaro,  
 que arrejou meu pai na vala  
 para servir de alimento,  
 não há de haver mais quem dê,  
 remedio a meu sentimento.

Três dias depois acharam  
 o corpo dum anciao,  
 com um golpe na garganta  
 e outro no coração  
 e um bilhete na lista,  
 dando esta informação.

Dizendo «vinguei meu pai  
 matando este fariseu;  
 e juro como persigo  
 a qualquer parente seu  
 até a quinta geração,  
 será inimigo meu».

Cometido o atentado  
do assassino primeiro,  
retirou-se para os montes  
temendo ser prisioneiro  
ali a fome obrigou,  
Dimas furtar um carneiro.

De noite se retirava  
das brenhas aonde assistia,  
atacava os passageiros  
bem pouca caça trazia  
era por necessidade,  
que a fome lhe oferecia.

Mas o tempo ia passando  
sem duvida havia de chegar,  
a vez da lua ser nova  
Dimas havia de pagar  
as vinte onças romanas,  
que prometeu não faltar.

Por seu pai tinha jurado  
era santo o juramento,  
porem não tinha um real  
para o tal pagamento  
que até ali os seus roubos,  
não lhe davam rendimento.

Disse; ladrão por ladrão  
convem roubar prata e ouro,  
porque quem rouba um pombo  
se houver tempo rouba um touro  
e tem o mesmo descredito,  
de quem rouba um tezouro.

Com essa resolução  
destemida e infiel,  
desprezou a propria vida  
tornou-se um lobo cruel  
chegou ser senhor dos bosques,  
e o temor de Israel.

No centro da Palestina  
nesse mesmo tempo havia,  
certo grupo de ladrões  
com espantosa ouzadia  
que atacava os passageiros,  
as vezes mesmo de dia.

Eram os samaritanos  
as feras mais asquerosas,  
a quem roubavam, matavam  
com afrontas dolorosas  
constantemente se davam,  
as cenas mais horrorosas.

Os soldados de Herodes eram uns homens tiranos, porém cercavam debalde os ladrões samaritanos e sempre viviam logrados, todos perdiam seus planos.

Esses ladrões assistiam no cume do monte Hebal, lá tinha uma fortaleza ou um castelo, era um lugar solitário, d'uma altura colossal.

Só mesmo as vezes pouzavam naquela infeliz morada, de pedras enegrecidas, cada qual mais escarpada não se encontrava vestigio de saída nem entrada.

Dimas que desconhecia isto que se chama medo, determinou reunir-se com os ladrões do rochedo dizendo: se me aceitarem eu faço a fortuna cêdo.

Na tarde do outro dia chegou ao pé da montanha até ali ninguém tinha tido idéa tão extranha; Dimas dizia a si mesmo: --quem não se arrisca não ganha.

Na sua arriscada marcha duplicava o desespero, subindo pedra mais pedra vencendo despenhadeiro cançado parou defronte dum grande desfiladeiro.

Parando viu de mais perto uma fortaleza esquizita as portas fechadas e pretas símbolo de sua desdita pelos sinais parecia, uma habitação maldita.

Dimas que a nada temia usou da sua destreza, botou uma pedra na fundação jogou-a na fortaleza dizendo se tiver gente, tem de sair, com certeza.

Três vezes fez a manobra  
sem obter resultado,  
não tinha gente o castelo  
já tinham se retirado  
disse Dimas; hoje mesmo,  
talvez eu fique arrumado.

Porque se os ladrões saíram  
e deixaram a bolça atôa,  
eu roubo o dinheiro deles  
já vi que parada boa  
que um ladrão que rouba outro  
não é crime Deus perdôa.

Dirigiu-se ao castelo  
solitario e pavoroso,  
bateu na porta três vezes  
com força e bem corajoso  
não apareceu ninguém,  
naquele abismo assombroso.

Com o punhal entre os dentes  
olhou para a imensidade,  
destinou subir no muro  
cheio de escabrosidade  
tudo ali apresentava,  
grande dificuldade.

Ele não teve receio de dirigir novos passos, naqueles duros rochedos ferindo as mãos e os braços se ele de lá caísse, não se contava os pedaços.

Tanto ele fez que chegou na plataforma do muro, tinha passado o perigo já se achava seguro o solitário castelo, estava silencio e escuro.

Penetrou nos corredores da habitação solitaria, correndo sala por sala cada qual mais temeraria e nada de achar a bolça, que era mais necessaria.

Penetrou no ultimo quarto justamente era a cosinha, repleta de mantimentos todo provimento tinha ele estimou o achado, que com muita fome viaha.

Em menos de uma hora  
aprontou a refeição,  
sentou-se e foi se servindo  
com toda satisfação  
como que ali não houvesse  
nenhuma contradição.

No meio da refeição  
ouve um certo rangido,  
viado do centro da terra  
aquele grande alarido  
Dimas não tinha receio,  
nem se tornava tímido.

Mais tarde pareceu, que  
destrancaram o cadeado,  
tornou-se o ruído forte  
e muito mais celerado  
nada disto fez com que,  
Dimas ficasse vexado.

Junto d'onde ele estava  
um alçapão se abriu,  
ao mesmo tempo um homem  
botou as mãos e saiu  
virou-se rapidamente,  
tanto que Dimas não viu.

Deu a mão a outro mais  
que junto com ele vinha,  
e assim saíram quatorze  
para dentro da cozinha  
Dimas jantando tranquilo,  
vexame ainda não tinha.

O assombro dos ladrões  
dessa vez foi sem igual,  
olharam bem para Dimas  
com uma furia infernal  
foram se cercando dele,  
cada um com seu punhal.

Dimas falou com voz firme  
fazendo saber quem era,  
--tenha mão seja quem for  
demore um pouquinho; espera  
que um lobo não fere outro,  
que tudo é a mesma féra.

Saiba que a ingratidão  
é uma falta desmedida,  
já poupei vosso trabalho  
preparei toda comida  
e em paga do serviço  
querem me tirar a vida?

Eles ficaram indecisos quando viram essa passagem, um homem só entre tantos falar com tanta coragem jamais se viu tanto animo naquela estranha paragem.

Disse um dos tais: não lhe toque como quem se interessava, justamente o capitão que aos outros todos mandava perguntou ele quem era, e ali que procurava.

Responde: chamo-me Dimas quero ser seu companheiro, contanto que também tenha direito a ganhar dinheiro mas antes de tudo, quero, de si um favor primeiro.

E antes que me pergunte desde já fique ciente, quero vinte onças romanas isto impreterivelmente respondeu um dos ladrões; --está doudo inteiramente.

--Devia ter dito antes  
de lhe fazer o pedido,  
para que quero o dinheiro  
e seu destino devido  
se sentem para ouvirem  
o que me tem sucedido.

Em poucos minutos Dimas  
disse o que lhe succedeu,  
contou a morte do pai  
e tambem do farissu  
da compra do punhal,  
e do juramento que deu.

Disse que seu pai morreu  
e foi privado da cova,  
e por ele juro vingar  
antes da lua ser nova.  
disse o capitão: eu creio  
sem carecer de mais prova.

Já ouvi que tua historia  
está muito bem narrada,  
pega dinheiro de sobra  
já não te falta mais nada  
vai pagar ao cutileiro,  
que a tua divida é sagrada.

Se te esqueceres de mim  
serei teu perseguidor,  
o meu nome é Abadom  
o anjo exterminador  
protejo, dou o castigo  
a quem é merecedor.

— Obrigado meu amigo  
não protejes um ingrato,  
saberei provar mais tarde  
o quanto serei exato  
amigo de confiança,  
respeitador de bom trato.

Jamais vos esquecerei  
deixe-me agora seguir,  
brevemente a tua é nova  
é necessário partir  
mas antes de tudo diga-me,  
por onde é que eu devo ir.

O chefe disse a Uriz:  
— siga com ele também,  
ensine a ele o caminho  
o mais comprido que tem  
até sair na estrada,  
que vai a Jerusalem.

Uriz deu um passo em frente  
e abriu um alçapão,  
desapareceu mais Dimas  
sem luz, na escuridão  
assim mais duma hora,  
para encurtar-se a razão.

—A paz de Deus te acompanhe!  
 disse Uriz: me ajuda aqui, e  
 vira esta pedra um pouco  
 preciso agora de ti.  
 tiraram a pedra e botaram,  
 devido ela dar de si.

Continuaram a viagem  
 pelo rochedo escarpado,  
 a lua estava esplendida  
 com seus raios prateados  
 as quatro da madrugada,  
 disse Úriz; somos chegados.

—A paz de Deus te acompanhe!  
 desculpa o mau companheiro!  
 —outro tanto disse Dimas  
 vou a casa do armeiro  
 volto no sétimo dia,  
 verás como sou certo.

Seguiu no mesmo roteiro  
 da mesma forma que estava,  
 na tarde do outro dia  
 chegou onde desejava  
 na baixa de Jerusalem,  
 onde o armeiro morava.

O armeiro estava em casa  
 muito longe de pensar,  
 que Dimas naquele dia  
 havia de lhe pagar  
 quando de subito ouviu,  
 de fóra uma voz saudar.

- Seja a paz de Deus contigo  
assim a voz lhe dizia,  
vim te pagar um punhal  
que te comprei outro dia  
a lembrança de meu pai,  
eu vos dei por garantia.

Disse o armeiro: eu me lembro  
que outro dia vendi,  
um punhal a um rapaz  
até julguei que perdi  
--te enganas-- lhe disse Dimas  
meu juramento eu cumpri.

As vinte onças romanas  
estão aqui seriamente,  
foi tirando e entregando-as  
logo ali juntamente  
dizendo: graças a Deus,  
quem jura serio não mente.

Disse o armeiro: desculpa  
eu de ti desconfiar,  
sem duvida herdasses de alguém  
é o que posso julgar  
disse Dimas; minha vida,  
eu não te posso contar.

Depois de assim ter feito  
seguiu então a procura,  
da vala dos desvalidos  
vê se inda tinha ventura  
de achar os ossos do pai  
para dar-lhe sepultura.

Foi impossível encontrar  
aqueles restos mortais,  
já tinham-se estraviados  
na preza dos animais  
Dimas procurava em vão,  
chorava cada vez mais.

--Ali passou muitas horas  
em buscas minunciosas,  
pelas faces lhe corriam  
duas lagrimas dolorosas  
frutos dos filhos modelos,  
nas estradas tortuosas.

--Meu idolatrado pai!  
ouve teu filho querido,  
p'ra que não te manifestas  
p'ra consolar meu gemido!...  
acalma a dôr de quem chora,  
um objeto perdido!...

Durante a tua vida  
sempre velasses por mim,  
eu seguia vossos passos  
não quiz Deus que fosse assim  
roga a Deus pelo teu filho,  
que o meu tormento é sem fim!...

Já sepultei os teus ossos  
nesse asqueroso recinto,  
eu choro por não poder  
dar lhe um jazigo distinto  
essa dôr me dilacera  
e eternamente a sinto.

Destinou desenterrar  
o corpo do fariseu,  
que estava sepultado  
em um rico manzoleu  
para os animais também,  
deverarem o corpo seu.

--- Por tua causa teu sangue  
minhas mãos estão manchadas,  
será minha vida infame  
em sangue minhas passadas,  
meu corpo feito em pedaços,  
exposto pelas estradas.

A minha morte na cruz  
por minha condenação,  
só tú velho, és o culpado  
polo teu mau coração  
maldito, seja maldito,  
até a decima geração.

A quem tivesse de parte  
causava admiração,  
vendo Dimas sem alento  
soltando essa maldição  
deu-lhe um desmaio  
perdendo de tudo a ação.

Esteve assim um certo tempo  
tornou e disse consigo:  
--eu não profano o corpo  
do fariseu no jazigo  
velhos meninos e mortos,  
contarão sempre comigo

Matei-o porem respeito  
o seu cadaver indesejo,  
ainda que ele arruou  
meu pai em tanto desprezo  
sofrerei sem ter descanço,  
eternamente esse peso.

Dai então só faltava  
seguir para o monte Hebal,  
na tarde do setimo dia  
já estava nele final  
provando ao chefe que era,  
firme constante e leal.

Chegou foi bem recebido  
ficou na sociedade,  
todos os salteadores  
lhe tinham plena amizade  
graças a sua coragem,  
energia e mocidade.

Abadom chefe de todos  
e capitão da companhia,  
nunca mais tinha amado alguem  
porem depois de esse dia  
chamava Dimas, meu filho,  
com amor e simpatia.

Dimas era bem letrado  
versado nas escrituras,  
na luta ele enfrentava  
as mais horrendas bravuras  
tinha animo e muita força,  
nas suas musculaturas,

Afinal Dimas ficou de todos simpatisado, quizeram mudar-lhe o nome dando outro mais elevado em vez de Dimas, David, que significa amado.

Fizeram tudo porem ele não obedeceu, lembrando-se das caricias que do seu pai recebeu disse ao chefe: e melhor nome, é o que meu pai me deu.

Dias depois os ladrões souberam por um espião que no vale da cordilheira acampou naquele dia uma rica caravana, e muitas joias trazia.

Abadom determinou atacar os passageiros, e para tal fim seguiu junto com seus companheiros a meia noite já tinham descido os despenhadeiros.

Uriz, como astuto e pratico e planos mais acertados, disse ao chefe: eu vou ver se dormem ou estão acordados se são muitos, ou se são poucos e onde estão acampados.

Seguiu e voltou dizendo :  
--- parece que está sem geito,  
dorme tudo a sono solto  
mas eu notei a preceito  
que os soldados romanos,  
estão lá de ponto feito.

Cada um por si, pensava  
o que devia fazer,  
disse Dimas : vamos logo  
suceda o que suceder  
quem não arrisca não ganha,  
tambem não sabe perder.

---Está certo : disse Abadom  
seguiram desesperados,  
atacaram os passageiros  
logo por todos os lados  
os viajantes correram.  
ficaram só tres soldados.

Travou-se uma luta horrenda  
na qual se acabaram seis ;  
mataram os tres soldados  
dos ladrões morreram tres  
até o chefe Abadom,  
tambem morreu desta vez.

Depois da luta já finda  
os ladrões determinaram,  
a carregar os camelos  
com as cargas que tomaram  
com a ganancia das cargas  
com nada mais se importaram.

--Não é assim --disse Dimas--  
cumprimos o nosso dever e ninguém  
vamos enterrar os mortos --  
fazer desaparecer os a obter  
os vestígios da derrota,  
que acabamos de fazer.

Todos foram de acordo  
se cumprir essa missão em três  
horas depois os mortos que  
jaziam no frio chão : assim  
e Dimas no outono, um  
promovido a capitão.

Antes de ser capitão  
obrigou tudo a jurar :  
como respeitavam os velhos  
e a ninguém maltratar  
e havendo tempo sobra,  
aos mortos enterrar.

Só assim Dimas ficou  
por capitão dos três,  
depois que todos juraram  
cumprir estas missões  
que antes eles não tinham,  
estas santas intenções.

Três dias depois tiveram  
noticias interessantes  
que do Egito passavam  
diversos negociantes  
com bastante prata e ouro  
muitas joias importantes.

Dimas determinou logo  
com a acertada emboscada,  
nesse dia eles perderam  
inteiramente a caçada  
eles ficaram chamando  
uma empreza mal lograda.

Porque quando eles estavam  
esperando empiqueados,  
Uriz um outro vigia  
bradou: estamos logrados  
e os nossos viajantes,  
estão presos pelos soldados.

Dizem que em Jerusalém  
chegaram a muitos dias,  
os tres reis que vieram  
em procura do Messias  
sendo assim já estão completas,  
as divinas profecias.

Herodes então mandou  
prender todos os passageiros,  
para ver se nesse meio  
prendia os reis estrangeiros  
e os nossos viajantes,  
já foram prisioneiros.

Dimas ficou impassivel  
vendo que estava sem geito,  
exclamou tempo perdido  
estou muito mal satisfeito  
não há quem se satisfaça,  
com trabalho sem proveito.

Voltou com seus companheiros  
menos Uriz e Adão,  
que foram atraz dos viajantes  
para verem a decisão  
a noite era tenebrosa,  
de chuva, vento e trovão.

Quando eles iam passando  
em um rochêdo apertado,  
sentiram um certo tropel  
que vinha do outro lado  
os ladrões se acautelaram  
temendo um má resultado.

Para o lado que eles estavam  
apareceu no momento,  
um veneravel ancião,  
com um manto pardacento  
vencendo a temeridade,  
de chuva, trovão e vento.

Sustentava o velho, ás redess  
daquela cavalgadura,  
na qual vinha uma mulher  
moça de bôa estatura  
uma creança nos braços,  
cheia de graça e candura.

Pelas feições parecia  
que vinha muito cherosa,  
alem dos grandes tormentos  
nessa noite tenebrosa  
Dimas gritou; para, ou morre,  
com uma voz horrorosa.

Era a familia sagrada  
a quem Dimas dirigia,  
aquelas duras palavras  
com tão grande tirania  
ameaçando matar,  
Jesus, José e Maria.

Dimas depois que falou  
de repente appareceu,  
e S. José recuou  
e a Virgem estremeceu  
julgando que aquelle homem  
matava o filhinho seu.

Quando os viajantes viram  
já estavam rodeados,  
com os outros que faltavam  
vindo por todos os lados  
com os punhaes assassinos  
para eles apontados.

S. José disse ao primeiro  
incluindo os outros mais :  
---que mal vos fez esta pobre  
que vós outros ameaçaes ?  
por vida dela e seu filho,  
suspendei vossos punhaes.

---Tens muita razão meu velho---  
respondeu uma voz forte,--  
qualquer um que te ofender  
tem de psgrar com a morte  
não tem este nem aquelle,  
é o que cair por sorte.

Era Dimas certamente  
que taes palavras dizia :  
---desculpe eu ter falado  
com tão grande tirania  
essas vossas barbas brancas,  
vos dão toda garantia.

Tranquiliza esta mulher  
que está desfalecida,  
estreitando o seu filhinho  
tão temerosa e tímida  
qualquer um que ofendê-la,  
tem de pagar com a vida.

Não sei como esta mulher  
anda com tanto perigo,  
nesta noite temeraria  
sem capa e sem abrigo  
nisso lhe deu uma capa  
que ele trazia comsigo.

---Esta capa é muito quente  
lhe dar mas força e alento,  
S. José reconhecendo  
deu lhe o agradecimento  
dizendo : Deus recompense  
o vosso merecimento.

---Agora é bom que demore  
disse Dimas novamente  
vamos até o meu castelo  
até que o tempo esquente  
dois ou tres dias querendo  
não é um dia somente.

O santo oferecimento  
os viajantes aceitaram,  
seguiram junto com Dimas  
e os mais acompanharam  
como a distancia era perto,  
em pouco tempo chegaram.

Dimas mandou que os ladrões  
fizessem um fogo ligeiro,  
ordenou que os viajantes  
se aquentassem primeiro  
dizendo quem está em casa,  
se serve por derradeiro.

Mandou fazer para eles  
uma ceia sublimada,  
preparou mais duas camas  
numa sala reservada  
para eles descansarem,  
as fadigas da jornada.

Depois de os ter servido  
com todo zelo e carinho,  
olhou para els e disse:  
--dai-me o teu pequenininho  
para que eu dê um beijo,  
nas faces do teu filhinho.

A Virgem deu-lhe o menino  
alvo dos olhos azues  
Dimas beijou-o nas faces  
sem saber que era Jesus  
sentiu uma comoção,  
fruto da divina luz.

Quando foi se agazalhar  
disse aos outros eu não sei,  
a sublime comoção  
no peito experimentei  
arêjo um ar suavíssimo  
como eu nunca arejei.

Foi dormir porem não pôde  
estava tão em desatino,  
pensando naquele ato  
que para ele era divino  
p'ra todo lugar que olhava,  
estava vendo o menino.

No outro dia seguinte  
Dimas foi bem recebido,  
pelos santos viajantes  
e tudo assim comovido  
olhava para o menino,  
como quem estava atraído,

Destinou fazer p'ra eles  
um bom almoço impagavel,  
depois disse agora vamos  
vêr cousa mais sgradavel  
o ar livre da montanha.  
que é fresco e muito saudavel.

Subiram em uma esplanada  
que neste castelo havia,  
na verdade o vento ali  
soprava com primazia  
não tinha sinal de chuva,  
estava mui claro o dia.

Dimas, fitou o menino  
continuou sempre olhando,  
na mesma esplanada estava  
umas ovelhas pastando  
Dimas pegou o menino,  
e disse assim gracejando:

--Estais vendo aquela ovelha?  
aquele rebanho é meu,  
e aquele cordeiro branco  
eu vos ofereço, é teu;  
em memoria da hospedagem,  
que o salteador te deu.

Nisto o menino sorriu  
como quem compreendia,  
as palavras que o ladrão  
tão comovido dizia  
e acariciou-lhe as barbas,  
em sinal que agradecia.

A terna virgem chorava  
vendo tanta piedade,  
naquele homem perdido  
pelo crime e a maldade  
pensava no seu filhinho,  
tanta ternura e bondade.

S. José disse; devias  
mudares de condição,  
uma vez que inda tens  
caridade e compaixão  
deixa o crime que arroja,  
na horrivel perdição.

Pratistou Dimas dizendo;  
--meu ancião respeitavel,  
eu era bom, mas os homens  
fizeram eu ser miseravel  
para meu mal não tem cura,  
é tarde está incuravel.

Demoraram os viajantes  
até o sol esconder,  
era hora da viagem  
Dimas então mandou ver  
a jumentinha onde estava,  
cumprindo mais um dever.

Estava chegando a hora  
da dolorosa partida,  
Dimas pegou o menino  
ainda por despedida  
enquanto a Virgem montava,  
na jumentinha querida.

Durante os poucos minutos  
que a viajante aprumava,  
Jesus tambem no pescoço  
de Dimas, se abraçava  
Dimas ouvia uma voz,  
divina que lhe falava.

As vozes diziam assim;  
--com uma harmonia infinda,  
a tua morte será  
gloriosissima e linda  
e terminava dizendo,  
morrerás comigo ainda.

Essa santa profecia  
inda havia de cumprir-se,  
Dimas ficou sem alento  
quando a vóz assim lhe disse  
entregou o menino antes,  
que do braço lhe caisse.

E a Virgem recebeu  
o seu tesouro sagrado,  
se despedindo de Dimas  
que estava impressionado  
cheio de mil pensamentos,  
chorando desconsolado.

E quando os raios do sol  
dos montes se separaram,  
os companheiros de Dimas  
novamente ali chegaram  
para atacarem os viajantes,  
novas medidas tomaram.

Dimas que para tal fim  
sempre estava prevenido,  
olhava na direção  
que o menino tinha ido  
exclamou com vóz firme,  
como quem está convertido:

-- Ó menino formosíssimo  
entre toda geração,  
se eu precisar algum dia  
ter a vossa proteção  
por vossa misericórdia,  
tende de mim compaixão.

Mas com tudo o bom ladrão  
não deixou de ser quem era,  
passasse lá quem passasse  
sempre ele estava de espera,  
tudo temia o assalto,  
daquela medonha fera.

Trinta e três anos depois  
Jesus foi crucificado,  
justamente o bom ladrão  
foi preso e sentenciado  
para morrer mais Jesus,  
já estava profetizado.

Entre dois ladrões ferozes  
crucificaram a Jesus;  
os quais eram Gesta e Dimas  
cada qual na sua cruz  
Gesta perdeu-se porque,  
zombou da divina luz.

Estando Jesus crucificado  
ouviu dum lado uma voz,  
era Gesta que falava  
desesperado e feroz  
dizendo; se és o Cristo,  
salva-te a ti e a nós.

Dimas que estava a direita  
do cordeiro paciente,  
ouvia o que Gesta dizia  
repreendeu seriamente  
dizendo: nós dois devemos,  
mas ele está inocente.

Lembrando-se dos seus feitos  
antes de ver o seu fim,  
arrependeu-se de tudo  
e disse á Jesus assim:  
—lá em vosso paraíso,  
lembra-te senhor de mim.

Estava chegando o tempo  
profetizado e preciso,  
e Jesus recompensado  
e cheio de graça e riso  
respondeu hoje entrarás,  
comigo no paraíso!

Minutos depois Jesus  
por nós na cruz faleceu,  
Dimas do lado direito  
dessa vez tabem morreu  
Dimas morreu e salvou-se  
Gesta foi quem se perdeu.

Terminei a minha historia  
quem a ler não se enfada,  
vá lendo e vá vacilando  
veja se está bem versada  
verá a biografia,  
de Dimas sem faltar nada.

T. IV

**Fim-Recife, 6-9-948**

**Preço 3 Cruzeiros**

**Não deixe de lêr :**

**O Marco do meio Mundo**

**A Filha do Bandoleiro**

**A Princesa sem coração**

**O Príncipe Encantado**

**Nobreza de um Ladrão**

**Um Casamento Infeliz**

**Côco Verde e Melancia**

1.170  
Vitt 242, 753, 1754

---

**A venda na casa Athayde  
na rua dos Pescadores, 57**

---

Remete-se pelo correlo qualquer quan-  
tidade de livros mediante a importancia  
do pedido para qualquer estado do Brasil.

---

**A Pernambucana  
DE NIGRO A. SILVA**

Livros, romances e modinhas dos mais  
conhecidos e aplaudidos autores brasilei-  
ros. Deposito permanente dos livros do  
 trovador popular João Martins de Athay-  
de. Grandes descontos aos revendedores

Mercado Modelo n. 158--Baía

---

Distribuidor exclusivo das publicações de João  
Martins de Athayde: Perfumaria Minerva Rua  
Frei Miguelinho, n. 87 Natal-Rio Grande do  
Norte. Hygino Aguiar Perfumista

---

**T**ambem á venda na rua Japeratúba, 737  
Aracajá--Marcelino de S. Bittencourt

---

Á Venda no Mercado de Cereaes  
Banca, n° 86 Fortaleza Ceará.

---